

## INTRODUÇÃO

Historicamente e socialmente, o medo da morte sempre permeou o imaginário das pessoas e promoveu debates nas ciências da saúde e demais áreas afins<sup>1</sup>. Considerando as individualidades e socialidades dos grupos sociais, esse tema envolve questões filosóficas e existenciais da vida humana, pautado em valores, crenças, mitos e ritos<sup>2</sup>. Após busca na literatura científica constatou-se que trabalhos sobre medo da morte são ainda muito escassos e não existem instrumentos brasileiros validados para a avaliação desse fenômeno. Dessa forma, justifica-se a realização do presente estudo, pois a existência de instrumentos validados sobre esse tema será um avanço para os cuidados em saúde, evidenciando como os grupos sociais se encontram frente à realidade da morte e do morrer e a partir daí oferecer estratégias e intervenções que possam nortear e ajudar as pessoas a enfrentar essa inevitável realidade.

## OBJETIVO

Validar o instrumento Escala de Medo da Morte de *Collett-Lester* Adaptado à Cultura Brasileira.

## BASE TEÓRICO- FILOSÓFICA

A avaliação do medo da morte é relevante porque o significado da morte acarreta certa negação e evasão desse fenômeno em nossa sociedade, incluindo também os profissionais da saúde. Dispor de instrumentos válidos sobre esse tema permitirá o desenvolvimento de pesquisas que ajudam a visibilizar e melhor entender esse fenômeno, além de possibilitar melhor assistência e cuidado às pessoas no final da vida.<sup>3</sup>

Embora o tema morte abrange diversos aspectos teóricos, ainda não existe instrumentos validados à cultura brasileira para medir este fenômeno. Nos últimos anos, foi validado em vários contextos culturais o instrumento multidimensional de medo da morte de *Collett-Lester*.<sup>5</sup> Esta escala foi elaborada na década de 1960 pelos pesquisadores Collett-Lester e é composta por 28 itens, dividido em 4 categorias: medo da própria morte, medo da morte de outras pessoas, medo do processo da própria morte e medo do processo de morrer de outras pessoas.<sup>5</sup> No ano de 2010, esta escala foi traduzida e adaptada à realidade brasileira por Oliveira Júnior,<sup>6</sup> mas este instrumento ainda requer validação para ser utilizado em pesquisas científicas no País.

## METODOLOGIA

O presente estudo será do tipo descritivo, metodológico e com abordagem quantitativa e terá como cenário a cidade de Pouso Alegre-MG. A amostra será composta por 280 pessoas da comunidade (localizadas em seus domicílios, locais de trabalho, ambientes públicos e religiosos) e pessoas hospitalizadas (em cuidados paliativos e curativos). Após a coleta, os dados serão analisados pelo programa estatístico S.P.S.S. versão 15 (*Statistical Package for the Social Sciences*). A validação deste instrumento será demonstrada pela confiabilidade desta escala e por sua validade.

A confiabilidade será demonstrada por meio de sua consistência interna e pelo teste-reteste. Já a validação será realizada através da validade de critério concorrente e pela validade de construto do tipo discriminante.

## O MEDO DA MORTE NA PERSPECTIVA DA SAÚDE COLETIVA

• Para o ser humano, o medo da morte apresenta uma multiplicidade de formas não estáticas, mas em profundas mudanças, pois é construído culturalmente e historicamente, diferenciando-se no tempo e no espaço.<sup>7</sup>

Dinamicidade e Historicidade

• O medo da morte expressa as necessidades historicamente condicionadas de um grupo social e de seus indivíduos.<sup>6</sup>

Expressa a necessidade de um grupo social

Socialmente determinado

• Constituiu-se socialmente e tem sua gênese na própria dinâmica da sociedade.<sup>6</sup>  
• Está relacionado à estrutura dos grupos e do tipo específico de coerção social que os indivíduos estão expostos.<sup>8</sup>

Medo da morte e vida socialmente administrada

• O medo da morte pode ser entendido como uma contradição diante da vida que tem sido possível na sociedade administrada.<sup>9</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a realização deste estudo possibilitará a utilização, no Brasil, de um instrumento validado à nossa cultura para avaliação do medo da morte e será um avanço para os cuidados em saúde, criando oportunidades para se estabelecer programas de atenção e intervenção às pessoas diante deste fenômeno.

### REFERÊNCIAS

1. Fernandes MFP, Freitas GF. Processo de morrer. In: Oguisso T, Zoboli E. (Org.). Ética e bioética: desafio para a enfermagem e a saúde. São Paulo: Manole, 2006. p. 153-69.
2. Gonçalves LHT, Polaro SHI, Feitosa IS, Rodrigues ARS, Monteiro HK. Ensinar enfermagem sobre os cuidados de pessoas ao fim da vida – relato de experiência. Rev enferm UFPE, 2013;7(10): 6047-53.
3. Silveira L. Adaptação cultural e validação. Petrópolis: Vozes, 2006.
4. Abdel-Khalek A, Lester D. Death anxiety as related to somatic symptoms in two cultures. Psychol Rep., 2009; 105(2): 409-10.
5. Oliveira Júnior CR. Adaptação cultural e validação da Escala de Medo da Morte “*Collett-ester Fear of Death Scale*” à realidade brasileira. Dissertação 73 f (Mestrado em Bioética) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG, 2010.
6. Oliveira Júnior CR. Adaptação cultural e validação da Escala de Medo da Morte “*Collett-ester Fear of Death Scale*” à realidade brasileira. Dissertação 73 f (Mestrado em Bioética) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre-MG, 2010.
7. Melo EMDV. A cultura do medo e os determinantes da criminalidade urbana. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/201112061745047187%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/201112061745047187%20(2).pdf) Acesso em 15/05/14.
8. Menezes RA. A solidão dos moribundos: falando abertamente sobre a morte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
9. Mazantte FP. Morte e não vida: o medo do fim e a sobrevivência na sociedade administrada. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/823/607> Acesso em 14/05/14

3. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Coletiva da EEUSP. E-mail: [rmsgfon@usp.br](mailto:rmsgfon@usp.br) 4. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Coletiva da EEUSP. E-mail: [macampos@usp.br](mailto:macampos@usp.br)

1. Enfermeiro. Mestrando em Cuidado em Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PPGE) da Escola de Enfermagem da USP (EEUSP). E-mail: [leonardonarcy@usp.br](mailto:leonardonarcy@usp.br) 2. Enfermeira. Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Enfermagem de Saúde Coletiva da EEUSP. E-mail: [emiyeagy@usp.br](mailto:emiyeagy@usp.br)